



VIII ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA
5 a 7 de agosto de 2009
Cuiabá - Mato Grosso - Brasil

DÉCROISSANCE: QUAL A CONSISTÊNCIA?

Elimar Pinheiro do Nascimento *Doutor em Sociologia, diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília*

Gisella Colares Gomes *Economista, doutoranda do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília*

DÉCROISSANCE: **Qual a consistência?**

Elimar Pinheiro do Nascimento¹

Gisella Colares Gomes²

Vivre mieux, avec moins de biens et plus de liens (slogam do movimento).

Com o risco de decepcionar, repetimos que o decrescimento não é um conceito, no sentido tradicional do termo, e que não seria o caso de falar propriamente de "teoria do decrescimento" como os economistas souberam elaborar as teorias do crescimento. O decrescimento é simplesmente um slogan, lançado por aqueles que procedem a uma crítica radical do desenvolvimento a fim de quebrar a rigidez economicista e de desenhar um projeto de reserva para uma política de pós-desenvolvimento.

Atribuir àqueles que defendem essa proposta o projeto de um "decrescimento cego", ou seja, de um crescimento negativo sem questionamento do sistema, e desconfiar, como o fazem certos "altreconomistas", que eles querem impedir os países do Sul de resolver seus problemas, é uma forma de surdez, para não dizer de má fé. (Serge Latouche, 2004).

1- Introdução

Portanto, a *décroissance*, para guardar a expressão francesa de Latouche, não é um conceito, nem uma teoria, nem um modelo. Trata-se, antes, de um slogan político e de uma reação. Na expressão de Ariès (2005) trata-se de uma “expressão ônibus”, que comporta muitas assertivas e proposições em torno do tema do reconhecimento de nossos limites, tanto individual, como socialmente. O reconhecimento de que não é possível um crescimento infinito em um mundo finito. Se formos resumir o conjunto de escritos em torno do tema³ poderíamos afirmar, talvez com presteza, tratar-se de um movimento que propõe o abandono de uma religião: a do crescimento sem limites. O abandono da idéia do Progresso que marcou o século XIX com sua ideologia positivista. O lado da positividade do movimento, afinal constitui um movimento de idéias e de intelectuais, encontra-se na proposição de uma concepção mais simples e mais modesta de sociedade, que alguns denominam de *convivial*, em homenagem a Illich (2005).

Dessa forma, vamos abordar neste artigo os traços centrais de um conjunto de obras e autores que se autodenominam como pertencentes ao movimento conhecido em francês como *décroissance*, além de outros que os inspiraram ou freqüentam a mesma temática sem

¹ Doutor em Sociologia, diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.

² Economista, doutoranda do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.

³ Uma pequena parte desse material pode ser consultado no site: www.dcroissance.info.

necessariamente se considerarem pertencentes ao movimento. Com isso sinalizamos, ao mesmo tempo, o foco e os limites de nosso artigo. Não se trata de abordar o conjunto da obra que tem criticado a idéia de desenvolvimento ou do “império da economia” no mundo atual, conformando um campo de reflexão próprio (anti-desenvolvimentista), mas uma parte dele, e mais precisamente de caráter predominantemente franco lingüístico, associado de forma direta ou indireta ao grupo que pertence ou se relaciona com o jornal *La décroissance*, presente no site *décroissance info* e articulada ao Institut d’Etudes Economiques et Sociales sur la Décroissance Soutenable, ademais de algumas de suas expressões lindeiras, como o Mauss⁴, os objetores de crescimento, os pós-desenvolvimentistas, os bioeconomistas e antipub (críticas da sociedade de consumo). Correntes, portanto, econômicas, ecológicas, sociais, políticas, culturais e mesmo religiosas.

Enfim, a *décroissance* partindo de uma desconstrução da idéia de desenvolvimento realiza uma proposição alternativa pré-paradigmática no sentido Kuhniano, para a construção de um novo processo civilizacional.

2- *Origens históricas*

Evidentemente que a postura de desconfiança com os resultados da ideologia do crescimento econômico não data de hoje, nem os atores do movimento *décroissance* pretendem que assim o seja. Eles reconhecem que muitos antecedentes trilharam o caminho de mostrar as incongruências e (in) consequências de um crescimento econômico desenfreado, e produziram idéias nas quais se inspiram. Idéias e proposições provindas de vertentes distintas e tradições singulares, e mesmo divergentes.

A tradição mais antiga tem suas raízes na segunda lei da termodinâmica⁵ de Sadi Carnot, mesmo que Prigogine a tenha relativizado⁶. Reside também na obra de Serguei Podolinnsky (1880), que tenta conciliar o socialismo e a ecologia.

⁴ Em português significa Movimento Anti-Utilitarista em Ciências Sociais. O nome MAUSS foi adotado em homenagem a Marcel Mauss, etnólogo francês autor da teoria do don que inspira este movimento criado entre outros por Alain Caillé, economista e filósofo francês.

⁵ Conhecida como a lei da entropia, a qual mede a energia não disponível para o trabalho que resulta das transformações energéticas. A entropia pode ser entendida como uma medida de proximidade em relação ao equilíbrio. O equilíbrio é um estado no qual não é possível extrair energia suplementar, ou seja, um estado máximo de entropia é um estado de equilíbrio ou energia nula. O conceito de entropia também está estreitamente relacionado ao de irreversibilidade. Nos processos reversíveis a entropia permanece constante e nos irreversíveis ela cresce na direção de um máximo

⁶ Existem os estados estacionários de não equilíbrio, no qual a entropia é constante. Isto é, existem sistemas abertos, onde a produção de entropia é compensada por fluxos energéticos externos. Uma analogia de sistema aberto seria observada nas cidades, onde sua estrutura depende de seu funcionamento, da interação com o ambiente. Se isolarmos uma cidade, ela morre. Também a irreversibilidade não está associada apenas à idéia de aumento da desordem (no sentido de homogeneidade). Como exemplo, na difusão térmica, sistema fechado no qual as moléculas de hidrogênio e nitrogênio evoluem para uma mistura uniforme, ao aquecer o sistema em uma parte e resfriá-lo em outra, será produzido um estado

Nicholas Georgescu-Roegen (1971) é talvez o grande inspirador para os economistas e bio-economistas do grupo, na medida em que associa o princípio físico da entropia nas ciências econômicas. Na verdade, ele propõe a aplicação da lei da entropia ao mundo natural material⁷. Isto é, existe dissipação de matéria e não apenas de energia. Isto acontece porque a biosfera possui um ciclo de materiais fechado.⁸

Por sua vez, Ivan Illich é o grande inspirador dos pós-desenvolvimentistas junto aos cientistas sociais (2005)⁹, com sua idéia a inversão de efeitos quando as ações atingem um determinado nível de saturação, exemplificados na educação, saúde e transporte, entre outros. Segundo o pensador austríaco a partir de um certo momento os cuidados médicos tornam-se não mais benéficos mas nocivos, o tempo de escolaridade torna-se castrador, o excesso de veículos inviabiliza a mobilidade, e assim por diante. De explícita há, ainda, uma clara filiação à Aurélio Peccei e ao primeiro manifesto do Clube de Roma (*Halte a la croissance?*, 1973), assim como aos trabalhos de François Partant¹⁰, economista francês que depois de trabalhar como economista em bancos privados e públicos, recusa a idéia do desenvolvimento, pregando o pós-desenvolvimento (1992).

Uma parte dos membros do movimento se aproxima, na contemporaneidade, do grupo ATTAC¹¹, que propõe a desaceleração do crescimento e, finalmente, para ficarmos mais próximos, do movimento liderado por Alain Caillé, expresso no antigo boletim do Mauss. De forma menos evidente pode-se citar, finalmente, os trabalhos de André Gorz (1989) que se relaciona com o movimento, embora de maneira mais tensa.

Latouche (2007) sugere praticamente os mesmos autores em uma de suas investidas para precisar as origens do movimento:

Sans remonter à certaines utopies du premier socialisme, ni à la tradition anarchiste rénovée par le situationisme, il a été formulé sous une forme proche de la nôtre dès la fin des années soixante par André Gorz, François Partant,

estacionário onde a concentração de hidrogênio é maior na parte quente e a de nitrogênio na parte fria. A entropia produzida pelo calor destruiu a homogeneidade da mistura. Na difusão térmica a maior complexidade corresponde à separação parcial dos constituintes que não seria possível no equilíbrio. No equilíbrio ou próximo dele, as leis da natureza são universais, mas, longe do equilíbrio, elas se tornam específicas, relacionando-se com o tipo de irreversibilidade. Longe do equilíbrio a matéria adquire novas propriedades onde as instabilidades e flutuações desempenham um papel essencial, nos forçando a abandonar as descrições deterministas. Longe do equilíbrio, o sistema escolhe um dos possíveis regimes de funcionamento (PRIGOGINE, 1996).

⁷ Seria a 4ª lei da termodinâmica.

⁸ Seu discípulo Hermann Daly é menos citado, não tanto por causa de sua crítica ao crescimento econômico, como pela resposta menos radical que ele propõe.

⁹ Grande parte dos livros e artigos de Illich datam da década de 1970, mas aqui utilizamos os dois volumes de sua Obras Completas, publicada em 2005.

¹⁰ “La fin du développement. Naissance d’une alternative?” Datado de 1982 e republicado em 1997 por Actes du Sud, Babel.

¹¹ ATACC – Associação pela taxação das transições financeiras em ajuda as cidadãs e aos cidadãos. Em verdade uma rede de organizações distribuídas em aproximadamente 40 países.

Jacques Ellul, Bernard Charbonneau, mais surtout, par Cornelius Castoriadis et par Ivan Illich. L'échec du développement au Sud et la perte des repères au Nord amenaient ces penseurs à remettre en question la société de consommation et ses bases imaginaires, le progrès, la science et la technique et bien sûr l'économie.

Observe-se que aqui a novidade, em relação ao nosso texto reside em Charbonneau e Castoriadis, particularmente este ultimo, duas figuras intelectuais proeminentes na segunda metade do século XX.

3 - Origens episte-antropológicas

A idéia do decrescimento assenta-se em um conjunto de constatações e princípios que seus autores têm desenvolvido ao longo do tempo.

A constatação da natureza entrópica do sistema econômico, por Georgescu-Roegen, contraria a possibilidade de crescimento sem limites, pois vai de encontro à percepção de que a finitude dos recursos naturais será refutada historicamente pelo progresso técnico, o qual levaria à substitutibilidade infinita dos recursos. É importante ressaltar que Georgescu-Roegen não nega a importância do progresso técnico, apenas alerta para o fato de que este é imprevisível e que se coloca a impossibilidade da eliminação total dos aspectos entrópicos da extração, transformação e utilização dos elementos naturais minerais.

A bioeconomia de Georgescu-Roegen entende que toda atividade econômica é uma continuação da evolução biológica por meios exossomáticos e não mais endossomáticos. Nesse sentido, o processo biofísico do desenvolvimento econômico é inseparável da história das técnicas e das civilizações, estando, todo este processo, imerso nas instituições. A técnica é um aspecto da cultura e faz parte da biologia do homem, mesmo que sua transmissão não seja realizada pelos genes, possuindo limites físicos, econômicos, biológicos, sociais, políticos e éticos.

Hermann Daly, proeminência impar da economia ecológica, possui um argumento interessante sobre este ponto. Os meios exossomáticos são extensões dos endossomáticos. Por exemplo, o computador é uma extensão do cérebro. Porém, tanto os meios endossomáticos como os exossomáticos constituem-se em sistemas físicos abertos, que continuamente importam energia e matéria de baixa entropia e exportam de alta entropia. Isto é, os dois dependem do meio ambiente da mesma forma. Por que então, admite-se que é

necessário limitar o crescimento populacional (meios endossômicos) e não se reconhece a necessidade de limitar o crescimento da produção de bens materiais (meios exossômicos)?

Georgescu-Roegen também observa que o processo entrópico da economia industrial não é adequado ao funcionamento cíclico da biosfera, na qual o sistema econômico está inserido e que a transformação da alta entropia em baixa entropia possui um custo energético e que em nível sistêmico aumenta a entropia.

Além da natureza entrópica do processo produtivo, observa-se que é impossível universalizar o padrão de consumo dos países desenvolvidos aos quase sete bilhões de habitantes que a terra possui atualmente, pois seria necessário algo em torno de quatro planetas terra. Não há fonte energética suficiente, nem recursos naturais que possibilitem dar a cada habitante de nosso planeta uma vida similar a dos norte-americanos e europeus. Nem a biosfera agüentaria a pressão produzida pela produção de gases poluentes, resultando em um aquecimento global crescente e de consequências imprevisíveis para toda a humanidade.

O argumento de que a produção é acompanhada da ecoeficiência, reduzindo a energia e a matéria prima na produção dos bens materiais, não considera o desencontro temporal entre o ritmo da descoberta científica, construção tecnológica e disseminação dos novos produtos e processos produtivos no mercado e aquele da demanda crescente e exponencial de novos grupos humanos ascendendo à modernidade, sobretudo na Ásia. E que somam mais de três bilhões de pessoas.

Latouche costuma comparar a nossa sociedade em seu momento atual com o que denomina de “teorema das algas”. Em resumo, ela consiste no seguinte. Uma alga se deposita em um grande lago. Durante dezenas de anos se reproduz aumentando seu tamanho em 100% a cada ano. Quando alcançar a metade do lago, será necessário apenas um ano para cobri-lo completamente, inviabilizando a vida de milhares de peixes. Dessa forma, segundo esse autor, encontramos-nos, atualmente, no momento em que o lago se encontra tomado pela metade. Em outras palavras, ingressando no período da sexta extinção das espécies da terra. No último desses períodos sobreviveram apenas 5% das espécies.

Illich e outros iam mais longe, afirmando que mesmo que fosse possível este feito, ou seja, disseminar o estilo de vida dos países desenvolvidos a todo o mundo, não era recomendável, pois a sociedade de consumo cria necessidades maléficas ao próprio ser humano, destituindo-o de seus poderes e saberes e deixando-o fragilizado e dependente de instituições sobre as quais não tem controle. O homem perde sua autonomia, sua capacidade de interagir de maneira sã com o seu meio ambiente, pois este se torna crescentemente um estranho (ILLICH, 2005).

O dilema é que os povos que se encontram fora do acesso aos bens produzidos pela sociedade capitalista de consumo sentem-se no direito de alcançá-los, produzindo uma carreira louca e desenfreada movida pelo produtivismo exacerbado e pelo consumismo insensato. Emerge, portanto, com urgência, a necessidade de se buscar um novo modo de viver, de se relacionar com a natureza, que só é possível se for abandonada a louca corrida criada pela idéia do crescimento a todo custo.

Outros aspectos a considerar é que a carreira insana pelo desenvolvimento aumenta a poluição, a degradação ambiental, a destruição da biodiversidade e, agora, mudanças climáticas com aquecimento global, aumentando as incidências de eventos críticos e catástrofes crescentes.

Não bastasse tudo isso, a integração dos sistemas e o fluxo de transportes produzem um aumento considerável das possibilidades de riscos nefastos, senão mortais, para a humanidade, como os desastres atômicos e as pandemias, entre outros (BECK, 1986)

4 - A epistème desenvolvimentista

O centro das preocupações do movimento *décroissance* está na idéia de desenvolvimento que desenha o nosso horizonte epistemológico. Aquele que demarca as possibilidades de nossas idéias desde o século XIX com o nascimento da sociedade moderna capitalista industrial. Se quisermos utilizar uma noção de Foucault (1986), a noção de desenvolvimento forma uma *epistème*, ou seja, um horizonte do conhecimento que nos limita a maneira como definimos os problemas e, sobretudo, como construímos as suas soluções.

Desenvolvimento é uma noção moderna, ocidental e capitalista. Nasce, embrionariamente, com a revolução industrial no século XIX, as grandes invenções do final deste século, a segunda expansão europeia e se dissemina no Após Grande Guerra, nos anos 1950, sobretudo em função dos países do sul, denominados então de subdesenvolvidos ou periféricos. Sua idéia, portanto, está estreitamente relacionada ao processo de “Ocidentalização do mundo”, que se desenvolve ao longo dos séculos XIX e XX. Está, também, relacionada ao processo de universalização do capitalismo, quanto à produção de mercadorias, a mercantilização da economia e o consumo de massa.

A noção de desenvolvimento se desdobrou em inúmeras teorias diferenciadas, que Enriquez resume em seu trabalho ainda inédito (2009), e que atravessou todo o século XX, desembocando na idéia recente do desenvolvimento sustentável. No entanto, por mais que

tenham ocorrido tentativas de separar a idéia do desenvolvimento da de crescimento econômico, aquela sempre tem embutido esta¹². Desenvolvimento sempre esteve relacionado a crescimento e progresso, e por vezes, à idéia de evolução. Tentativas de relacionar desenvolvimento à qualidade sempre tiveram vida curta.

É claro que a palavra desenvolvimento não está umbilicalmente ligada a crescimento. O desenvolvimento – na psicologia – pode significar simplesmente mudança. Ou na teologia, aperfeiçoamento. No entanto, no campo da economia a imbricação é evidente e não tem sido superada. Por isso, os defensores do decréscimo batem-se contra o imperialismo do economicismo, quando querem demonstrar a irracionalidade do sistema social contemporâneo.

Dessa forma, todas as teorias de desenvolvimento supõem, embora de maneira diferenciada, a idéia de um aumento da produção e da produtividade da base econômica. Aumento tanto dos bens materiais quanto dos bens imateriais ou simbólicos, que pertencem ao universo da modernidade e que estão relacionados diretamente a uma máquina de produzir ou incrementar o desejo de consumir estes mesmos bens, em um círculo vicioso de mais produção, mais consumo, mais produção.

A denúncia desta *epistème* teve em Illich um arauto relevante nos anos 1970, quando este ex-padre austríaco, em um conjunto sucessivo de livros, artigos e conferências tentou demonstrar o princípio do esgotamento ou da inflexão perversa: a partir de um certo momento de seu desenvolvimento o processo torna-se irracional e prejudicial a seus próprios atores¹³. Assim, o excesso de escolarização pode produzir a castração das crianças (*Une Société sans école*, 1971¹⁴), o mesmo ocorre com o aumento da medicalização que passa a ter reflexos mais negativos que positivos sobre a saúde das pessoas (*Némesis Médicale: l'expropriation de la santé*, 1975), como também no transporte, em que o aumento contínuo do consumo de automóveis leva seus proprietários a uma situação irracional, pois o tempo despendido para sua manutenção e uso, incluindo seus gastos, passa a apresentar um balanço negativo (*Énergie et équité*, 1975). A inflexão resulta em um paradoxo: com o aumento de automóveis a cidade passa a se movimentar mais lentamente, com o aumento da ingestão de medicamentos a saúde das pessoas torna-se mais débil, e com o excesso de escola as pessoas tornam-se menos criativas. O “desenvolvimento” provoca externalidades negativas cada vez maiores e ausentes dos cálculos dos economistas e gestores públicos.

¹² Com nobres exceções, mas que não se tornaram dominantes, como a obra de Celso Furtado.

¹³ Ver, entre outros, os números de *Esprit* (3/12) de março de 1972 e (7/8) de julho/agosto de 1973.

¹⁴ A data refere-se a primeira publicação na França. Os livros citados foram consultados em Illich (2005).

Hermann Daly também se dedicou à desconstrução da idéia de crescimento e utilizou, como argumentos, os próprios princípios da teoria econômica¹⁵. Alguns dos quais detalharemos a seguir.

O crescimento econômico medido pelo crescimento do produto nacional bruto seria a única variável que não estaria limitada pelo princípio de que os benefícios marginais deveriam igualar-se aos custos marginais. Trata-se da aplicação do princípio microeconômico da escala ótima à biosfera, considerando esta uma grande planta industrial. Isto porque, no pensamento econômico convencional, o sistema econômico seria um todo passível de crescer indefinidamente. A restrição é admitida apenas ao nível micro, das partes, no qual, o sistema de preços sendo a medida da escassez relativa garante uma alocação ótima, não existindo escassez absoluta.

Além disso, considerando a atual distribuição de renda e riqueza, o objetivo de manter o desemprego no menor nível possível, exige altos investimentos líquidos de forma a compensar a concentração de poupança, o que significa mais crescimento, traduzindo-se em um ciclo vicioso, onde o tratamento prescreve sempre o aumento da dose medicamentosa.

Historicamente comprovou-se que o crescimento não leva ao desenvolvimento, no sentido de que não distribui renda ou riqueza automaticamente. Todavia, pode-se atestar este fato com uma simples dedução teórica. Dado que o que cresce é o re-investimento do excedente e os benefícios deste re-investimento são apropriados por seus proprietários, o qual possibilita a concentração ainda maior de renda e de riqueza.

A medida de crescimento dada pelo produto nacional bruto é uma medida do fluxo de bens produzidos a partir de um estoque de recursos naturais. Neste sentido existe um ganho ideológico em se tratando o crescimento econômico enquanto fluxo, pois se retira a atenção da desigualdade de distribuição¹⁶ dos estoques de recursos que em última instancia é a fonte real de poder econômico.

Daly ainda pergunta: em que medida a contabilidade do crescimento é uma garantia de que exista crescimento? Isso porque os custos reais externos do crescimento são considerados como benefícios. Adicionalmente, os recursos naturais possuem uma pequena participação percentual no total do produto nacional bruto. Trata-se da subavaliação desses recursos resultante do poder relativo das classes sociais no condicionamento do mercado. Os fatores capital e trabalho possuem representantes reconhecidos, enquanto os recursos

¹⁵ Não significa que Hermann Daly não reconheça que o sistema econômico é um sub-sistema da biosfera e que portanto está sujeito às restrições físicas representadas pelas leis da termodinâmica.

¹⁶ Distribuição neste sentido é diferente de alocação.

naturais na maioria das vezes não. Na verdade, os recursos naturais são considerados bens livres. A estratégia de verticalização da produção por parte das empresas colaborou com esta subavaliação, pois apesar da elevação da escassez relativa dos recursos naturais, o capital como um todo se valorizava.

Nesse sentido, Daly sugere se pensar uma forma de reintroduzir a figura do *Landlord*, o qual defendia os rendimentos advindos da elevação da produtividade dos recursos naturais. A renda ou aluguel dos *landlords* é ganho sem realização de trabalho e neste sentido é ilegítima. Porém ela consiste em uma precificação necessária e legítima dos recursos naturais, refletindo sua escassez relativa e possibilitando um melhor uso destes.

Uma outra suposição, sobre a qual se ergueu a fé cega no crescimento, relaciona-se ao mito prometeutico da tecnologia. Esta ganha concretude e passa a ser percebida como algo que cresce quantitativamente e que cresce exponencialmente (igual às necessidades). Além disso, é vista apenas como solucionadora de problemas e não como causadora de outros problemas, o que já foi questionado por Illich. Nessa concretude, a tecnologia é percebida como um anticorpo para todos os males que possam ser produzidos pelo processo de desenvolvimento.

Muitas questões surgem dessa premissa. Uma primeira relaciona-se à confusão entre mudança técnica e substituição de fatores, como por exemplo, quando se obtém um ganho na produtividade do trabalho explicada pela quantidade de cavalo a vapor por trabalhador.

No curto prazo os ganhos de produtividade só ocorrem com a elevação do fluxo de fatores, principalmente insumos e energia, já que a quantidade dos outros fatores é rígida. Todavia, esta produtividade aumenta de forma decrescente. No longo prazo, a quantidade de todos os fatores pode variar. Supondo que exista mudança tecnológica no longo prazo, ainda assim as inovações serão primeiramente direcionadas à elevação da produtividade do capital e do trabalho, devido à correlação de forças no mercado, o que significa que a tecnologia não é neutra e nem sempre amplia a produtividade do fator limitante.

Além da suposição de que a tecnologia permite a elevação contínua (ilimitada) da produtividade dos recursos naturais, existe também a suposição de que ela permite a substituição ilimitada desses recursos. Todavia, se o produto nacional bruto pode crescer indefinidamente sem o aumento do fluxo de recursos naturais, os quais possuem produtividade e substituibilidade ilimitada, porque a limitação do uso dos recursos naturais provoca tanta reação entre os adeptos do crescimento? Isso aponta para o fato de que esta falta de restrição é mascarada pela agregação das produtividades de todos os recursos naturais.

5 - Dilemas da sociedade do crescimento/ do desenvolvimentismo.

Para os autores do movimento de la décroissance (presente na rede ROACDe) três são os grandes dilemas em que a humanidade se encontra nos dias atuais.

O primeiro é de que a sociedade do crescimento não é sustentável: esgota os recursos renováveis para as próximas gerações, e ameaça piorar grandemente a qualidade de vida da atual geração.

O segundo é que a sociedade do crescimento não é desejável: aumenta as desigualdades regionais e sociais; aumenta os riscos de pandemia, de contaminação, colocando em risco a própria espécie humana, senão a vida no planeta.

O terceiro é que a sociedade do crescimento não produz uma qualidade de vida para a esmagadora maioria de seus componentes, pois ela cria um bem estar ilusório: sociedade de consumo, consumo desnecessário, consumo que produz externalidades negativas para o próprio consumidor.

De toda forma, a sociedade do crescimento não é desejável, segundo Latouche (2003), por pelo menos três razões: ela cria um mundo de desigualdade e de injustiça; cria um bem estar absolutamente ilusório e, finalmente, não estimula o desejo de uma sociedade convivial, mas antes, uma sociedade doente, em virtude de sua própria riqueza.

Nessa perspectiva se insere a proposição de Hermann Daly: inverter a hierarquia de problemas a serem tratados pela sociedade e pela teoria econômica. A economia ecológica tem como primeiro critério a questão da escala ou capacidade de suporte. É preciso estar atento aos limites biofísicos do sistema. O segundo critério mais importante é o da justa distribuição. Esta se refere à divisão relativa do fluxo de recursos em forma de bens e serviços finais entre as pessoas. A questão da escala ou capacidade de suporte e da distribuição não pode ser resolvida pelo mecanismo de preço como propõe a teoria econômica convencional. Elas se relacionam com a pobreza, com o atendimento das necessidades das futuras gerações (justiça inter-geracional), com a conservação das outras espécies e são fundamentalmente questões de natureza social e não individual. A questão da alocação de recursos é a terceira prioridade.

Percebe-se que o grande desafio encontra-se na questão institucional. Isto é, como definir e construir uma ordem social que reflita esta nova visão de mundo.

É nesse sentido que esta discussão relaciona-se à mudança de paradigma na sociedade e na ciência.

6 - As possibilidades futuras.

Parte dos defensores do decrescimento considera que seu movimento não produz um modelo econômico novo, nem um sistema de pensar substitutivo do vigente, mas antes produz idéias e sugestões que permitem criar, aos poucos, uma sociedade distinta, mais saudável, mais simples, mais relacional.

É nessa perspectiva que se insere o pensamento de Marcel Mauss. Para este autor, existe uma íntima ligação entre o simbolismo e a obrigação de dar, receber e retribuir, uma espécie de solidariedade indispensável nas sociedades humanas, para a qual os interesses materiais são subordinados. Nesse sentido, a ordem social é irreduzível à ordem econômica e contratual. Isto é, o que dá vida aos mercados econômicos não é a universal e abstrata lei da oferta e da procura, mas a cadeia de interdependência e relações de confiança. Além disso, destaca-se que os interesses instrumentais (do ter) são hierarquicamente secundários em relação aos interesses do ser. Isto é, o desejo de dar não deve ser reduzido ao cálculo e à instrumentalidade e a visão política da própria sociedade não se reduz ao mercado ou ao Estado. A proposta é uma reinserção do Estado e do mercado numa ordem social e política que tenha um sentido global.

Edgar Morin, entre outros, propõe sete reformas para o século XXI, movimento conhecido como *La Voie ou Manifeste pour la métamorphose Du monde*. Não se trata de reformas reativas, isoladas e de curto prazo. Trata-se de um projeto de civilização, no qual as mudanças são articuladas, interativas e interdependentes. Isto é, sinérgicas. As reformas propostas circunscrevem-se às esferas política, econômica, social, do pensamento, da educação, da vida e da moral.

O objetivo maior é salvaguardar a unidade e a diversidade da humanidade. Deve-se pensar uma governança planetária. O embrião de consciência planetária é pré-requisito. Porém, existe um processo de retroação positiva entre o desenvolvimento da consciência e a construção dessa governança. É fundamental recolocar o sistema econômico sob controle por meio de um conselho de segurança econômica. Apontar as estratégias e necessidades de cooperação mais do que os conflitos de interesses. Contribuir para o desenvolvimento de uma economia plural e para a erradicação da miséria. Pensar em como distribuir os ganhos de produtividade, isto é, os lucros. Implantar um *new deal* em escala mundial, modificar o sistema energético e de transportes.

A proposição de Latouche para esta utopia é resumida nos oito erres, que podem ser definidos de formas distintas, uma das quais, e de forma extremamente resumida é a que se segue:

1. **Reduzir** o consumo em geral, e com isso a produção, afinal é possível viver melhor com menos, pois grande parte de nosso consumo é induzido e pouca relação tem com nossas mais profundas necessidades;
2. **Reciclar** os produtos existentes para dispensar a produção de novos, criando a cultura da conservação e do reaproveitamento ao invés do descarte;
3. **Reutilizar** o que já existe de forma inteligente economizando recursos naturais e energia;
4. **Reavaliar** os nossos consumos, os nossos hábitos, os nossos procedimentos que são na maioria das vezes degradadores da natureza;
5. **Reconceituar** a nossa vida, o nosso consumo, as nossas relações e vínculos sociais para uma direção mais saudável;
6. **Reestruturar**, ou seja, adaptar as estruturas econômicas e as instituições políticas e sociais aos novos objetivos de uma sociedade convivial;
7. **Redistribuir** melhor os bens existentes, incluindo a participação nos processos decisórios, portanto, uma redistribuição econômica, mas também política, cultura e social;
8. **Relocalizar** a produção, o trabalho, a moradia para que o “não transporte” possa ser disseminado, para que os transportes de mercadorias sejam reduzidos, assim como o de pessoas.

Todavia, mesmo enquanto *slogan* pode-se visualizar a *décroissance* como uma proposição que contribui para uma nova visão paradigmática. De acordo com Kuhn a mudança de paradigma não se processa por meio de prova científica e sim de um processo de convencimento. É antes de tudo uma mudança na percepção, uma ruptura, na qual se processa uma alteração nos padrões que determinam a identificação de um problema. Trata-se de um processo complexo em que a assimilação conceitual raramente é completada por um único homem.

Vouz pouvez donc dire que j'ai été trop théorique... mais je n'aurais certainement pas eu ces idées si j'avais été pratique. Au début, les idées paraissent toujopurs déviantes, utopiques ou irréalistes. puis, dès qu'un certain nombre de personnes les prennent à coeur et les mettent dans leur esprit, elles deviennent des forces dans la société. Elles ont le bénéfice de répondre à l'état concret des connaissances et aux besoins réels des gens, c'est a dire aujourd'hui savoir affronter l'incertitude, être conscient de la complexité de ce qui nous

entoure, se sentir citoyen de ce monde, être capable de compréhension d'autrui. À mon sens, rien n'est plus pratique (Morin,2007).

Em resumo trata, esta nova utopia, de reduzir o padrão de consumo dos ricos, aumentar o dos pobres e modificar o de todas as pessoas. Mudar a forma de produzir e de consumir, redirecionar o modelo societal e, enfim, mudar a cultura, os valores e as idéias dominantes na sociedade produtivista, de consumo de massa.

Poderíamos, se a aproximação fosse possível, dizer que em grande parte os defensores do movimento *décroissance* pregam uma reforma intelectual e moral, que lembra a palavra de ordem de Gramsci nos inícios do século XX (1975).

Referências

- ARIES, Paul. *Décroissance ou barbarie*. Lyon: Golias, 2005
- BECK, Ulrich. *La société de risqué. Sur la voie d'une outre modernité*. Paris : Aubier, 1986.
- DALY, Herman E. *Beyond Growth The economics of sustainable development*. Boston, 1996.
- DALY, Herman E. *Steady-State Economic*. 1977.
- ENRIQUEZ, Maria Amélia. *Da ilusão do crescimento à emergência do desenvolvimento sustentável*. Brasília, 2009 (inédito)
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GORZ, André. *Critique of Economic Reason, Gallilé, 1989*.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1962.
- ILLICH, Ivan. *Oeuvres complètes*. Paris: Fayard, 2005. Dois volumes.
- LATOCHE, Serge. Pour une société de décroissance. Le monde diplomatique, novembro de 2003. acessado em 01.06.2009 <http://www.monde-diplomatique.fr/2003/11/LATOCHE/10651>
- _____ Anti-utilitarisme et décroissance. Entropia N°5 Appel à contribution In Revue du Maus permanente (<http://www.journaldumauss.net>), 18 octobre 2007, acessado em 01.06.2009.

_____ O sul e o ordinário etnocentrismo do desenvolvimento In Lê Monde Diplomatique Brasil, novembro de 2004, acessado em 01.06.2009 <http://diplo.uol.com.br/2004-11>, a1012.

MEADOWS, Donella ; MEADOWS, Dennis ; RANDERS, Jorgen e BEHRENS, William. *Halte à la croissance ? Rapport sur les limites de la croissance*, Roma, 1970. Paris : éd. Fayard, 1973.

MEADOWS, Donella, RANDERS, Jorgen e MEADOWS, Dennis. *Beyond the Limits. Confronting Global Collapse, Envisioning a Sustainable Future*, Chelsea Green Publishing Company, 1993.

MEADOWS, Donella, RANDERS, Jorgen e MEADOWS, Dennis. *Limits to Growth. The 30-Year Update*, Chelsea Green Publishing, 2004.

MORIN, Edgar. *Vers l'abîme ?* Paris : L'Herne, 2007.

PARTANT, François. *La fin du developpement. Naissance d'une alterntive?* Actes du Sud, 1982.

PODOLINSKY, Serge. *Le socialisme et l'unité des forces physiques*, *La revue Socialiste*, 8, Paris, 1880.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. São Paulo, UNESP, 1996.

SADI CARNOT, N. *Réflexions sur la puissance motrice du feu et sur les machines propres à développer cette puissance* (1824) citado em <http://www.miniweb.com.br/Ciencias/artigos/carnot.html>, acessado em 01.06.2009.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. *La décroissance Entropie – Écologie – Économie*. Édition électronique. Paris, 1995.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. *The Entropy Law and the Economic Process*, 1971.